

O APOSTOLADO DE CRISTO E A MISSÃO DA IGREJA

Carlos del Pino*

A missão da igreja não pode ser vista como algo independente de Deus e de Cristo, como se a igreja pudesse realizá-la por si só. Sempre deve ser vista à luz da pessoa e da obra de Deus, o Senhor da missão. Partindo desse ponto, propomos relacionar uma importante faceta da obra de Cristo com a missão da igreja: o seu apostolado. É lamentável a ausência de uma discussão mais ampla sobre o envio (apostolado) de Jesus pelo Pai como modelo para a vida e a missão da igreja.

No Evangelho de João é muito clara a apresentação do apostolado de Jesus. Diante de textos como João 17.18 – “*assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo*” e 20.21 – “*assim como o Pai me enviou, eu também vos envio*,” devemos perguntar: Quais são as conseqüências do apostolado de Cristo para a vida e a missão da igreja? Pretendemos fazer uma abordagem dessa proposta sob a perspectiva do Quarto Evangelho.

I. CRISTO, APÓSTOLO DO PAI

Grande parte das referências do Evangelho de João ao apostolado de Cristo apresenta o Pai como “aquele que envia” (1.33; 4.34; 5.24,30,36,37,38; 6.29,38,39,44,57; 7.16,28,33; 8.16,18,26,29,42; 12.44,45,49; 13.20; 14.26; 16.5; 20.21) e a Jesus Cristo tanto como “aquele que é enviado” (3.28,34; 10.36; 11.42; 17.3,8,18,21,25), quanto como “aquele que envia” (4.38; 13.16,20; 15.26; 16.7; 17.18; 20.21). O apostolado de Jesus Cristo está presente em cada momento de sua obra, em suas palavras, definindo seu ministério redentor, descrevendo sua relação com o Pai e indicando a natureza da tarefa que delegou a seus discípulos. Nas palavras de Francis DuBose: “Jesus expressou quem ele é em termos de sua consciência de haver sido enviado, de seu sentido de missão.”¹

Para ampliar a nossa compreensão do tema é preciso ter uma rápida visão neotestamentária dos termos envolvidos. *Apostello* aparece 131 vezes no Novo Testamento e sugere um envio especial e imbuído de autoridade, colocando ênfase na pessoa do enviado, por ser representante pessoal de quem o enviou.² *Pempo* é usado cerca de 80 vezes no Novo Testamento com seu sentido geral de “enviar,” sem conotação teológica especial nem sentido técnico.

Entretanto, no Evangelho de João não encontramos essa pequena diferença de significado. Podemos chegar a essa conclusão ao verificar que os dois termos são utilizados sem nenhuma distinção: o envio de Cristo pelo Pai é descrito tanto por *apostello* (3.17,34; 7.29; 11.42) como por *pempo* (4.34; 7.16; 14.24); o envio dos discípulos por Cristo também é descrito tanto por *apostello* (4.38; 17.18) como por *pempo* (13.16,20).³

Diante da apresentação de Cristo como o Apóstolo do Pai no Evangelho de João, devemos nos perguntar quem é Cristo. Logo verificamos que o Evangelho nos faz uma apresentação muito ampla e significativa da pessoa de Jesus Cristo. Dentre as principais

maneiras pelas quais ele mesmo se apresenta, destacamos as seguintes: "Logos ou Verbo" (1.1,14), "Filho do Homem" (3.14; 8.28; 12.32), "Filho de Deus" (1.14,34; 3.35; 12.49), "Messias" (1.41), "Eu Sou" seguido por uma metáfora (8.58; 6.35; 8.12; 10.11; 11.25). Todavia, além disso, ele se apresenta como aquele a quem o Pai enviou ao mundo e é isto que vai nos interessar agora, uma vez que significa basicamente que ele tinha *consciência de haver sido enviado*. Tudo o que Jesus diz, vive, faz e quer reflete a sua consciência de ter sido enviado, reflete a sua consciência de missão.⁴

Podemos ver a sua consciência apostólica-missionária quando ele mesmo reconhece que a sua *origem* está em Deus (7.29; 8.42; 17.8); quando reconhece a sua *unidade* com Deus, uma vez que há um forte conceito de unidade entre Jesus e o Pai, ou entre Jesus, o Pai e os discípulos que também são enviados (13.20; 17.3,21,23); quando reconhece que a sua *vida* é a mesma vida de Deus caracterizada por ser auto-suficiente: eles têm vida em si mesmos e compartilham da mesma vida (6.57; 5.26); quando reconhece que a sua *vontade* é a mesma vontade de Deus: Jesus afirma categoricamente que veio para fazer a vontade de Deus (4.34; 6.38,39; 7.28); quando reconhece que a sua *palavra* é a palavra de Deus: ele a recebeu do Pai e está consciente de estar falando as palavras de Deus (3.34; 8.26,28; 14.24); quando reconhece que a sua *obra* é a mesma obra de Deus, a tal ponto que essa missão é uma parte integral de como ele se apresenta a si mesmo (4.34; 5.36).

Como aquele que foi enviado pelo Pai, a consciência que Jesus tinha de quem ele era (sua pessoa) e a consciência do que tinha a realizar (sua missão) estão profundamente relacionadas. Quem é Jesus? É o apóstolo do Pai!

Assim, uma nova pergunta surge à nossa frente: Como Apóstolo do Pai, qual é a missão de Jesus? Sabemos que o Pai o enviou para realizar uma missão específica e muito importante no mundo. Jesus tinha uma forte convicção disso (5.36). Olhando para o Evangelho de João pelo prisma do apostolado de Jesus, nós o vemos falando de sua missão apostólica em termos da *realização da vontade de Deus*, cumprindo-a de forma total em virtude de haver obedecido perfeitamente a Deus (6.38; 5.30; 4.34);⁵ em termos de *revelação do Pai*: "conhece-se o Pai pela missão do Filho"⁶ (1.18; 17.25; 12.49); em termos de *trazer a vida eterna* (6.57): para realizar essa missão de vida, sua morte foi absolutamente necessária (3.16-17). O próprio Evangelho foi escrito como um testemunho dessa vida eterna (20.30-31).

A vida que o Apóstolo do Pai veio trazer conduz o ser humano a uma atitude pessoal de volta a Deus pela fé e implica numa nova direção da vida: não mais em trevas, mas na luz (8.12; 12.35-36; 14.6), mantendo um relacionamento de fé comprometido e constante com Jesus Cristo (1.17; 8.31; 10.7, 9). "O fim da missão é que os homens tenham agora a vida e realmente possam viver."⁷

Uma vez tendo já definida a missão do Apóstolo do Pai, o que podemos dizer do caráter de sua missão? Aqui entramos num campo muito vasto e não pretendemos esgotar o tema.⁸ Entretanto, mencionamos algumas características da missão exercida por Cristo:

(a) *Humildade* (5.30; 7.18; 9.4; 13.16): o Senhor Jesus submeteu-se ao Pai, não procurou que a sua vontade prevalecesse sobre os propósitos de Deus Pai. Ao lavar os pés dos discípulos, Jesus não só estava dizendo que eles deveriam ser humildes no serviço cristão, mas também que ele mesmo, o Apóstolo do Pai, era plena humildade na realização de seu serviço e missão.

(b) *Misericórdia* (5.24; 6.29; 17.3; 12.44-45): não podemos considerar a misericórdia e a redenção somente como os objetivos últimos da missão de Cristo ou os resultados obtidos pela mesma; elas são o próprio coração, essência e natureza dessa missão.⁹ Podemos resumir tudo isso na palavra "graça" (1.14,16,17).

(c) *Amor* (3.16; 15.19; 3.35; 14.31; 17.23): não se pode falar da missão de Cristo sem ver, como parte integrante de sua própria natureza, o amor de Deus por seu Filho e pelos homens. "A missão provém do amor do Pai, e este amor está presente no homem pelo amor do Apóstolo. A comunicação da verdade que se manifestou em Jesus Cristo sim é amor porque liberta."¹⁰

(d) *Glória* (1.14, 5.41-44; 11.4; 12.23): em geral, o termo "glória" (*doxa*) indica a honra de Deus, seu esplendor divino. Entretanto, em João o seu significado é mais específico e seu emprego muito freqüente, referindo-se ao Jesus encarnado entre nós, como "a representação visível de Deus na terra, cf. Jo 1.14, vimos a sua glória."¹¹ Nas palavras de Comblin: "A missão se fez 'carne' e mostra a glória do Filho de Deus... O que Jesus revela em suas obras é sua autoridade, sua grandeza, sua força, sua amplitude, seu poder."¹²

(e) *Direção e propósitos*: sua missão foi dirigida ao mundo ou à humanidade (3.16-17; 1.9; 12.46; 10.36; 11.27; 18.37). A vinda de Cristo ao mundo implica em que ele "assumiu nossa humanidade, nossa carne e nosso sangue. De fato, fez-se um de nós e conosco experimentou a mesma fraqueza, o mesmo sofrimento, as mesmas tentações. Tomou sobre si os nossos pecados, morrendo nossa própria morte."¹³ Além disso, sua missão no mundo teve como propósito o serviço (10.10,11,15,17,18). Veio para servir e essa atitude de serviço marcou profundamente a natureza de sua missão, como vemos em seus sinais (2.1-12; 5.1-18; 6.1-15; 9.1-12; 11.16-17).

Sem dúvida, há muitos outros aspectos do apostolado de Jesus. Esperamos que a busca do Apóstolo do Pai no Evangelho de João não termine por aqui. Entretanto, concluímos esta parte convencidos de que em Jesus vemos o Apóstolo do Pai.

II. IGREJA, APÓSTOLA DE CRISTO

"Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (17.18; 20.21). Uma vez que Cristo foi enviado ao mundo pelo Pai com uma missão, podemos concluir que ao realizar a sua missão no mundo a igreja precisa ter em Jesus Cristo, que a enviou, o modelo seguro de missão. Observamos no Evangelho de João que o apostolado da igreja se identifica com o apostolado de Cristo e dele depende. Ou, como disse Stott: "A missão da igreja resulta da própria missão de Deus e nela tem que modelar-se... Então, para entender a natureza da missão da igreja, temos que entender também a natureza da missão do Filho."¹⁴

Observamos no Evangelho de João que, ao ser enviado pelo Pai e ao enviar os seus discípulos, Jesus está exercendo a sua função mediadora entre os propósitos salvadores e eternos do Pai e a missão que a igreja tem a realizar neste mundo. Em outras palavras, por ser o único mediador, Jesus Cristo pode tanto cumprir cabalmente o propósito eterno do Pai quanto à salvação humana, quanto enviar a sua igreja a proclamar ao mundo todo essa salvação. Nesse sentido, a missão proclamadora da igreja torna-se fruto direto da obra de Cristo, pois ele mesmo a envia a anunciar que o propósito eterno e salvador do Pai concretizou-se nele. Ele mesmo concretizou a salvação do Pai e envia a igreja a proclamá-la. Para ampliar um pouco mais essa idéia, gostaria de fazer três abordagens que demonstram esse fato:

a) O fator "identificação": no contexto do Evangelho de João é significativo observar que há uma identificação muito grande entre Jesus, o Pai e os discípulos. Em termos gerais, notamos vários níveis nessa identificação:

1. No ser: "Eu e o Pai somos um" (10.30,38; 14.9; 17.21-23). Além disso, Jesus também fez uso do título "Eu Sou," principalmente em 8.58, com referência direta a Exodo 3.14, onde Deus se revela como "Eu Sou o Que Sou."

2. No amor: "por isso o Pai me ama" (10.17). O amor entre o Pai e o Filho se manifesta através da realização da obra redentora.¹⁵ Em 17.23,26 vemos que essa mesma identificação inclui também os discípulos.

3. Na vida: a vida do Pai é a mesma vida do Filho e o Filho a transmite aos que crêem (5.24-30). A mesma idéia está em 6.57 e 17.22-23.¹⁶

4. No ódio que o mundo lhes teve: os homens aborreceram a luz e amaram as trevas; houve ódio e rejeição (3.16-21; 1.11). A igreja também é alvo desse ódio, uma vez que ela pertence a Deus e a Cristo (15.18-21).

5. Na vitória sobre o mundo: Jesus ressuscitou, venceu! Assim, Satanás e seus seguidores, o mundo, foram julgados e condenados (3.18; 12.31; 16.33).

Além dos elementos já mencionados, há um fator de identificação que merece um pouco mais de espaço: o apostolado. Por ser Apóstolo (enviado), Cristo media entre o propósito salvador do Pai e a própria missão da igreja. São pertinentes as palavras de Barrett: "O paralelismo entre a missão de Jesus proveniente do Pai e a missão dos discípulos proveniente de Jesus demonstra-se repetidamente em termos fortes. É um paralelismo não apenas de missão, mas também de conhecimento e de ser (10.14; 14.20)."¹⁷

É curioso observar que no Evangelho de João esse apostolado-identificação se nos apresenta de formas muito simples e práticas através do próprio ministério de Jesus ao falar as palavras do Pai (3.34; 7.16), ao fazer a vontade do Pai (4.34; 5.30), ao realizar plenamente a obra do Pai (5.36; 8.16) e pelo testemunho do Pai acerca do Filho (5.37; 8.18). Quando Jesus entrou no mundo e na esfera humana de vida através de sua encarnação, o Pai estava com ele.

O apostolado também é um fator de identificação entre Jesus e a igreja (6.29; 11.43; 17.3). Isto nos mostra que somos enviados como Jesus foi enviado (17.18; 20.21). Jesus disse nestes textos que ele nos envia com base na mesma autoridade com a qual o Pai o enviou. A comissão dada por Cristo foi de igual autoridade e poder que a comissão que ele recebeu do Pai.¹⁸ Sem dúvida, não podemos confundir a missão que Cristo recebeu do Pai com a missão que a igreja recebeu de Cristo. Deve ficar claro, antes de mais nada, que essa identificação mencionada não se refere ao caráter redentor e, nesse sentido, exclusivo e definitivo, da missão de Cristo. Refere-se, antes, ao fato de que a missão da igreja não pode se desvencilhar da obra (missão) de Cristo, pois dela depende e deriva.

Esse apostolado-identificação deve ter um peso significativo em nossa reflexão sobre a missão que recebemos de Jesus. Esta é uma missão que reflete a atitude de Deus de enviar seu Filho ao mundo, ou seja, nós somente recebemos uma missão de Jesus porque ele mesmo, pessoalmente, recebeu uma missão do Pai: em uma de suas mãos ele tem firme a missão que recebeu do Pai e na outra a missão que nos transmite. Cristo está no meio fazendo a ponte entre a missão de Deus e a missão da igreja, unindo as duas

coisas, tornando-as possíveis no tempo e no espaço. É o apostolado-identificação!

b) A concretização dos propósitos de Deus: ao cumprir a sua missão redentora e ao realizar a vontade e as obras do Pai, sem sombra de dúvida Jesus Cristo estava concretizando na história humana os propósitos e os objetivos que o Pai já tinha desde os tempos eternos de trazer e manifestar sua vida aos homens. Jesus foi muito claro ao dizer várias vezes que havia sido enviado pelo Pai (encarnação) para cumprir os seus propósitos. Sendo assim, somente Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, pode realizar o sacrifício completo e definitivo, gerando a salvação eterna como manifestação da graça de Deus.

Em 6.38-40 vemos isso clara e objetivamente: o termo *pempsatos* ("que enviou") aparece duas vezes destacando que Jesus estava ali naquele momento para realizar a vontade de Deus quanto à salvação dos homens. Diante disso, observamos que a sua vinda do céu para fazer a vontade do Pai traduz-se tanto na vida e na salvação garantidas por Deus, quanto no afastamento da perdição eterna para com aqueles que crêem.¹⁹ Traduz-se, também, em uma salvação que é tanto para o hoje, quanto para o amanhã; não meramente uma salvação para um futuro exclusivamente escatológico e escapista. Jesus trouxe uma salvação para ser desfrutada desde agora, já e eternamente.²⁰ Essa salvação é para todo aquele que crê. Olhar para o Filho é um contemplar consciente da salvação; é ver em Jesus o Filho de Deus; acima de tudo, é "*vir a conhecê-lo*."²¹

c) A missão da igreja como instrumento do Pai: ao completar a sua missão, o Senhor Jesus Cristo comissionou a sua igreja²² para anunciar a todos os homens que sua obra havia sido feita e que agora a salvação eterna de Deus se oferecia livremente. Assim, a igreja passa a ser parte integrante e importante desse quadro apostólico, tendo uma significativa missão a cumprir e estando enquadrada nos planos de Deus.²³

As pessoas precisam urgentemente da salvação que Jesus concretizou. Por isso a igreja é a enviada de Jesus e do Pai, é o instrumento divino para que essa salvação chegue às pessoas, causando um profundo impacto e levando a salvação ao mundo. Desta forma, não pode haver espaço para que esta nossa missão como "recipientes do envio salvífico"²⁴ caia no esquecimento ou não tenha a devida prioridade em nossas atividades, projetos e iniciativas. O tornar-nos instrumentos do Pai para levar a sua salvação a todo o mundo e a consciência que temos disso devem gerar em nós, como indivíduos e comunidade, uma intensa e constante compulsão missionária. É preciso encarar o fato de que devemos tornar-nos instrumentos de Deus para levar a salvação ao mundo como parte da própria natureza da igreja. A igreja é igreja na medida em que cumpre a missão para a qual foi enviada.

Agora chegamos ao ponto em que necessitamos da ótica através da qual devemos ver a missão da igreja. Em poucas palavras, precisamos vê-la na perspectiva do apostolado de Cristo. Somente podemos realizar nossa missão porque Jesus Cristo realizou a dele. Assim, devemos mencionar os seguintes pontos:

1. A igreja assume a missão de Cristo: quando falamos ou pensamos sobre a missão da igreja, precisamos vê-la como uma extensão e uma continuação da própria missão realizada por Cristo. Essa continuidade é muito clara em 17.18 e 20.21: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio." Jesus identifica a missão da igreja com a sua; entretanto, ainda que a primeira tome e continue a segunda, ela o faz sem caráter redentor, ou seja, a igreja não exerce uma missão soteriológica como a de Cristo.

Compete à igreja colocar-se nas mãos de Deus como instrumento para levar a salvação de Cristo ao mundo. Nesse sentido, podemos dizer que a missão da igreja, à luz da missão de Cristo, deve ser vista como derivada e dependente da missão de Cristo. Nossa missão, portanto, segue a missão de Cristo, pois estamos vitalmente ligados a ele e dele dependemos.

2. Cristo é o modelo para a missão da igreja: "Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio." Um fator de grande importância quando vemos a missão da igreja na perspectiva do apostolado de Cristo é que o próprio Senhor Jesus Cristo, como o Enviado do Pai, torna-se um modelo vivo para que a igreja realize a sua missão. Há um modelo estabelecido aqui. Somos enviados como igreja, seguindo o mesmo padrão que o Pai usou para enviar a Jesus. Como diz Nicholls: "O único modelo missiológico supremo é a encarnação. Nossa missão modela-se na dele."²⁵

É urgente que a igreja brasileira, principalmente neste momento em que começa a crescer o interesse e o compromisso com missões, busque de modo mais sério e profundo um modelo extraído das Escrituras para o exercício de sua missão dentro e fora do Brasil, considerando quem somos, onde estamos e com quem trabalhamos. Creio firmemente que encontraremos respostas para essa necessidade quando nos fixarmos em Jesus Cristo, o Apóstolo do Pai, como nosso modelo de missão.

3. A igreja representa Cristo: a igreja de Cristo tem como missão representar aquele que a envia e atuar tendo como base a própria autoridade de Jesus Cristo, confrontando assim o mundo com a verdade que Cristo trouxe, viveu e revelou.²⁶ É muito relevante para a nossa compreensão deste ponto observar a maneira como Barrett o aborda em sua análise de João 20.21:

O envio de Jesus por Deus significou que nas palavras, obras e pessoa de Jesus, os homens verdadeiramente se confrontaram não meramente com um rabino judeu, mas sim com o próprio Deus... A isto segue que na missão apostólica da igreja, o mundo verdadeiramente se confronta não meramente com uma instituição humana, mas sim com Jesus, o Filho de Deus.²⁷

4. A missão da igreja deve ser vista à luz da missão de Cristo: "Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio." Precisamos olhar para Cristo e sua obra para então definirmos o que é a igreja e o que ela tem a fazer. Assim, com base no que já estudamos a respeito do Apóstolo do Pai, propomos algumas implicações para a missão da igreja:

(a) Como a origem da missão de Jesus estava no Pai, também a origem da missão da igreja não está em si mesma, mas em Cristo (13.20; 17.18; 20.21; 21.15-17).

(b) Da mesma forma como a vida de Cristo vinha do Pai, também a vida da igreja vem de Cristo, e não dela mesma: "Ele veio para dar-se, para que as pessoas vivam através dele"²⁸ (13.20; 17.18; 20.21; 21.15-17).

(c) Uma vez que a vontade de Cristo não era a sua e sim a do Pai, também a vontade da igreja é a mesma de Cristo (4.34-38; 17.21-23).

(d) Como as obras de Jesus eram as do Pai, também as obras da igreja são as obras de Cristo (3.34-38). O que temos a realizar como parte de nossa missão reflete

necessariamente aquilo que Jesus já realizou.

(e) As palavras da igreja são as palavras de Jesus, assim como as dele foram as palavras do Pai. Nossa proclamação deve transmitir a própria palavra de Cristo ao homem em sua sociedade.

(f) Assim como a missão de Jesus Cristo se define por sua humildade, a missão da igreja se define de igual maneira. A leitura de João 13 é suficiente para constatá-lo: não somos maiores que Jesus e isto deve conduzir-nos a uma atitude de submissão a Deus.

(g) Também a misericórdia que caracteriza a obra de Cristo deve caracterizar a missão da igreja. O exercício da misericórdia deve ser parte fundamental da missão apostólica da igreja.

(h) O amor que define a Cristo deve também definir a missão da igreja. Esta dimensão de nossa missão precisa se manifestar dentro da comunidade cristã como parte do testemunho do evangelho ao mundo.

(i) Finalmente, Cristo dirigiu a sua missão ao mundo, de maneira que esse direcionamento ao mundo deve caracterizar a nossa missão. "Como tu me enviaste ao *mundo*, assim também eu os enviei ao *mundo*" (17.18).

Gostaria que nos detivéssemos na última de todas estas implicações: Cristo direciona a igreja ao mundo, como ele mesmo fora direcionado ao mundo no cumprimento de sua missão redentora. Antes de mais nada é preciso compreender melhor o significado geral da palavra *mundo* no Evangelho de João. A palavra assume alguns conceitos mais gerais, como o universo criado por Deus (17.5,24), o mundo habitado pelo homem (6.14; 13.1), a humanidade ou o ser humano em geral (14.22; 18.20).

Entretanto, seu conceito mais comum e seu uso mais intenso é o do *homem em franca inimizade com Deus*. Neste sentido o mundo se caracteriza por obras más, pecado (7.7; 3.19), ódio a Jesus Cristo (7.7; 15.18,24), rejeição de Jesus Cristo (1.10; 3.19), distanciamento de Deus (14.17; 17.25), escravidão a Satanás (12.31; 16.11) e ódio aos discípulos de Cristo (15.18-21; 16.33).

Assim, podemos dizer que no Evangelho de João a palavra *mundo* "designa, via de regra, a esfera dos homens e das atividades humanas em contraste com o mundo de cima e o Reino de Deus."²⁹ "É o oposto do caos, e inerente ao mundo é a idéia de ordem, estrutura, sistema... Sociedade humana estruturada em oposição a Cristo."³⁰

Diante disso, cremos ser importante avaliar o nível de inserção da igreja brasileira no mundo atual. Mas, para tanto, é necessário ainda perguntar-nos: Que mundo é esse? Como é o mundo brasileiro? Não podemos nos iludir achando que é possível descrever a complexidade do mundo brasileiro em poucas linhas e sem uma abordagem ampla dos vários elementos que o constituem. Diversos outros aspectos deveriam ser apresentados e avaliados para compormos uma visão geral do mundo brasileiro. Entretanto, visando levantar apenas umas poucas questões pertinentes à ação missionária da igreja, faremos os seguintes destaques:

(1) É uma sociedade de consumo onde os indivíduos vivem em função de ter coisas. Viver é possuir. As pessoas são vistas, queridas e definidas pelas coisas que têm. Consumir

tem gradativamente assumido o papel de um estilo de vida que faz girar toda a dinâmica pessoal, familiar, profissional e religiosa.

(2) É um mundo em que a violência marca profundamente a vida de toda a sociedade, mudando os costumes das pessoas e gerando uma insegurança sem limites. Essa violência manifesta-se desde as estruturas econômicas e políticas até as ruas e os lares, seja de forma declarada, seja de forma velada.

(3) A dependência econômica mantém o país e o povo sob o jugo de outras nações desde os tempos da colonização, impondo modelos econômicos estrangeiros e levando sistematicamente as nossas riquezas. Isso nos mantém em um mundo economicamente dependente e expoliado. Em consequência disso, temos um povo imerso em uma carência extensa e profunda, e sujeito a um empobrecimento gradual, sistemático e desumano.

(4) O institucionalismo de caráter personalista é outro elemento que tem crescido rapidamente no Brasil, tanto na esfera política, quanto empresarial e religiosa. Este tipo de institucionalismo tem consumindo excessivamente o nosso tempo, energias, recursos e pessoal.

(5) Por fim, a nossa imensa diversidade talvez seja um dos aspectos mais visíveis do nosso povo, tanto em nossa formação étnica e cultural, quanto no fato de abrigarmos dezenas e dezenas de grupos das mais diversas origens. Sem dúvida alguma, não podemos nos esquecer da religiosidade como um dos fatores que compõem a diversidade brasileira. Durante todo o século XX, o Brasil viu germinar entre o seu povo todos os tipos de religiões e de crenças.

Diante disso, devemos perguntar-nos acerca das prioridades da igreja brasileira. Que se considere o fato de que Jesus nos enviou ao mundo brasileiro tal como ele está, com a missão – exercida na perspectiva do apostolado de Jesus Cristo – de levar-lhe uma mensagem concreta e integral de salvação. Essa busca de prioridades não pode, entretanto, cair no reducionismo de respostas e fórmulas feitas e implantadas de fora. Temos que buscá-las como igreja de Cristo dentro do nosso contexto.

Nessa busca, torna-se necessário caminhar rumo a alguns posicionamentos muito importantes e necessários para todos nós:

1. Uma teologia bíblica e relevante. “O papel da teologia é interpretar e aclarar a Palavra de Deus com vistas à obediência a Jesus Cristo na situação histórica. Em outras palavras, a teologia é um instrumento para a contextualização do Evangelho.”³¹ É fundamental que toda reflexão teológica parta da revelação bíblica e tenha a Bíblia como a base de onde obtemos todos os princípios e valores mediante os quais devemos viver. Além disso, essa reflexão teológica precisa comunicar a mensagem do Evangelho no momento específico da vida do nosso e demais povos, tendo como seu principal objetivo conduzir o ser humano à fé e obediência a Jesus Cristo, gerando uma profunda ética pessoal e comunitária.

2. Uma igreja revitalizada. É preciso trabalhar as nossas necessidades internas e as nossas próprias enfermidades eclesiais. Sendo assim, torna-se cada vez mais urgente tratarmos seriamente de questões como a unidade real, profunda e respeitosa que se manifeste a nível de uma cooperação madura entre nós; o ministério de dar e receber como uma forma de manifestação da graça de Deus em nós e através de nós; um estilo

eclesiástico simples, flexível e participativo para que a missão da igreja não fique perdida entre os conceitos e práticas sectaristas, e onde o senso de isolamento e a reprodutividade de modelos possam ser devidamente sanados.

3. Uma relação real com o mundo em que vivemos, relação sábia, frutífera e transformadora, chamada de *a mundanidade da igreja*. cremos que a *evangelização*, como uma importante parte da missão da igreja, deve tornar-se uma maneira eficaz de nos relacionarmos com o mundo.

Neste sentido, é muito oportuno observar a definição do Pacto de Lausanne quanto à natureza da evangelização:

Evangelizar é divulgar as boas novas de que Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos, segundo as Escrituras, e que como Senhor e Rei ele agora oferece perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e crêem. A nossa presença cristã no mundo é indispensável à evangelização, e assim é também o diálogo que tem por propósito ouvir conscientemente, para melhor compreender. Mas a evangelização em si é a proclamação do Cristo bíblico e histórico como Salvador e Senhor, com o propósito de persuadir os homens a se chegarem a Ele individualmente e assim serem reconciliados com Deus. Na proclamação do convite do evangelho não temos o direito de ocultar o preço do discipulado. Jesus continua a requerer de todos que desejam segui-lo que se neguem a si mesmos, tomem a sua cruz e identifiquem-se com a sua nova comunidade. Os resultados do evangelho incluem obediência a Cristo, inclusão no seio da igreja e serviço fidedigno no mundo.³²

Quando falamos de evangelização, pensamos em uma relação com o mundo onde investimos em uma comunicação total e integral, por todas as vias de contato, indo além de simples palavras e penetrando em cada esfera e dimensão da vida das diversas sociedades humanas. Assim, vemos que a evangelização deve ser pautada por:

(a) Proclamação verbal: no Evangelho de João o termo "proclamação" (*kerusso*) não recebe tanta ênfase quanto o termo "testemunho" (*marturia*). Entretanto, são utilizados com um objetivo muito semelhante. Nesse sentido, podemos dizer que somos testemunhas e proclamadores da obra apostólica de Cristo e, por isso, ela deve ser proclamada incessantemente.

(b) Estilo de vida comunitário: o estilo de vida que caracteriza nossa relação comunitária-ecclesial não deve seguir os padrões pecaminosos do mundo capitalista, consumista e pragmático, mas sim destacar-se pela fraternidade, amor e serviço cristão consistentes em nossos relacionamentos (João 13).

(c) Ação diaconal: a obra que temos recebido de Cristo precisa ir além da assistência que prestamos aos necessitados de nossa comunidade ecclesial e refletir o amor e a misericórdia de Deus para com cada ser humano em suas várias aflições e necessidades. Esse é um compromisso de fé e missão que temos com a nossa sociedade.

Diante destas conclusões e do grande desafio que o apostolado de Cristo traz à missão da igreja, creio haver deixado claro que o nosso objetivo missionário e missiológico não pode ser visto como algo independente de Jesus Cristo, do Pai e do Espírito Santo, como se pudéssemos realizar essa missão partindo exclusivamente de nós mesmos.

Nutrimos uma esperança muito grande quanto à crescente importância da igreja

brasileira no cenário missionário mundial. Por isso, estamos convencidos de que é o momento de solidificar bem as bases e os conceitos bíblicos de missão em nossas igrejas por todo o Brasil. Assim, temos muito que refletir e fazer para a glória do Apóstolo do Pai!

* O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, professor e diretor do Seminário Presbiteriano Brasil Central, em Goiânia, e doutorando em Missiologia pelo Oxford Centre for Mission Studies, em Oxford, Inglaterra.

¹ F. M. DuBose, *God Who Sends* (Nashville: Broadman, 1983), 49-50.

² Ver J. H. Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova York: American Book Co., 1889), 499; H. K. Moulton, *The Analytical Greek Lexicon Revised* (Grand Rapids: Zondervan, 1977), 47; E. von Eicken e H. Linder, "Apóstolo," em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1981), I:234; K. H. Rengstorf, "Apostello (pempo)," em *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), I:421-422.

³ Há muitos autores que reconhecem o uso de *apostello* e *pempo* sem distinção de sentidos no Evangelho de João. Entre eles cito: D. Muller, "Apóstolo," em *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1981), I:236; K. H. Rengstorf, *Theological Dictionary of the New Testament*, I:404, 445; C. K. Barrett, *The Gospel According to St. John* (Londres: SPCK, 1975), 267, 370, 473; A. C. Winn, *A Sense of Mission - Guidance from the Gospel of John* (Filadélfia: Westminster, 1981), 17-19; G. R. Beasley-Murray, *Gospel of Life - Theology in the Fourth Gospel* (Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1991), 15-16.

⁴ Ver Winn, *A Sense of Mission*, 22; DuBose, *God Who Sends*, 49-50, 81-82; J. Comblin, *O Enviado do Pai* (Petrópolis: Vozes, 1974), 9, 11-12, 78; Beasley-Murray, *Gospel of Life*, 19.

⁵ Ver G. Schrenk, "Gelema," *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), III:56.

⁶ L. Morris, *The Gospel According to John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), 680.

⁷ Comblin, *O Enviado do Pai*, 67. Ver também referências à vida eterna como o foco da missão do enviado do Pai nas pp. 38, 56, 66. Ver ainda G. E. Ladd, *Teologia do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: JUERP, 1984), 135, 233; Barrett, *John*, 65-71.

⁸ Entretanto, não encontramos muito material bibliográfico sobre o caráter da missão (apostolado) de Jesus Cristo no Quarto Evangelho, somente pequenas referências dispersas.

⁹ Encontramos uma breve menção disso em DuBose, *God Who Sends*, 608.

¹⁰ Comblin, *O Enviado do Pai*, 83.

¹¹ J. B. Stam, *Las Buenas Nuevas de la Creación* (Buenos Aires: Nueva Creación; Grand Rapids: Eerdmans, 1995), 23. Ver também o contraste no uso de *doxa* entre João

e os sinóticos em G. Kittel, "Doxa," *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), II:248-249.

¹² Comblin, *O Enviado do Pai*, 52-54.

¹³ J. R. W. Stott, "A Base Bíblica da Evangelização," em *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje* (Belo Horizonte, São Paulo: Visão Mundial, ABU Editora, 1982), 35-36.

¹⁴ Stott, "A Base Bíblica da Evangelização," 35.

¹⁵ Quanto a isso, C. K. Barrett afirma que esse não é um amor condicionado à crucificação de Jesus, mas sim um amor "eternamente unido e mutuamente dependente debaixo de uma plena submissão do Filho à vontade do Pai em sua obediência para a morte" (*John*, 313).

¹⁶ Ver F. F. Bruce, *João, Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1987), 286; Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 233.

¹⁷ Barrett, *John*, 284.

¹⁸ G. Hendriksen, *El Evangelio Segun San Juan* (Grand Rapids: Subcomisión de Literatura Cristiana de la Iglesia Reformada, 1987), 736-737.

¹⁹ Trata-se da clássica doutrina reformada da perseverança dos santos (Fp 1.6; Jo 10.28-29; Rm 11.29; 2 Ts 3.3; 2 Tm 1.12; 4.18).

²⁰ Barrett, *John*, 244, e Bruce, *João*, 140, mostram também os aspectos coletivo e individual no sentido soteriológico da expressão "eu o ressuscitarei no último dia."

²¹ Moulton, *The Analytical Greek Lexicon Revised*, 94; Thayer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, 290.

²² Reconhecemos que Paulo usa particularmente o termo *igreja* (ekklesia) e que este não aparece no Evangelho de João. Entretanto, isso não significa que João não fale da igreja em seu Evangelho. Ao contrário, ela está presente no Quarto Evangelho, ainda que a palavra não apareça. Ver D. Guthrie, *New Testament Theology* (Downers Grove, Illinois: InterVarsity, 1981), 721-724; Barrett, *John*, 78-79.

²³ Com isto não estamos dizendo que a igreja por si só está suficientemente capacitada para realizar a sua missão. Ao contrário, reconhecemos que a presença e a atuação especial do Espírito Santo, tanto na igreja, quanto no mundo que rejeita a Deus, são fatores básicos sem os quais a igreja não tem como realizar a sua missão. Assim como o Espírito Santo ajudou a Jesus (1.33; 3.34), a igreja também necessita de todo o auxílio do Espírito (3.5-8; 7.37-39; 14.16-26; 15.26-27; 16.1-15). Entretanto, preferimos nos manter dentro da proposta inicial deste trabalho e não abordar o tema do Espírito Santo.

²⁴ DuBose, *God Who Sends*, 68.

²⁵ B. J. Nicholls, *Contextualização: Uma Tarefa do Evangelho e Cultura* (São Paulo:

Vida Nova, 1983), 51-52.

²⁶ Ver esta idéia em W. Stumme, *Bible and Mission: Biblical Foundations and Working Models for Congregational Ministry* (Minneapolis: Augsburg, 1986), 73.

²⁷ Barrett, *John*, 474.

²⁸ Bruce, *João*, 139.

²⁹ Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 202.

³⁰ Winn, *A Sense of Mission*, 64; ver também C. R. Padilla, *Misión Integral* (Buenos Aires, Grand Rapids: Nueva Creación, Eerdmans, 1986), 5; Guthrie, *New Testament Theology*, 130-133.

³¹ Padilla, *Misión Integral*, 102.

³² *Pacto de Lausanne*, IV.